

# PESQUISA-CORPO: PERCURSOS E DESVIOS METODOLÓGICOS DE PESQUISAS SOBRE ESTÉTICA, POLÍTICA E SUBJETIVIDADE

*Denise Berruezo Portinari*

denisep@puc-rio.br

*Eva Célem*

eva.celem@gmail.com.br

*Guilherme Altmayer*

galtmayer@esdi.uerj.br

*Maria Ramiro*

mariaramiro.art@gmail.com

*Pedro Caetano Eboli*

pceboli@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta uma paleta de percursos metodológicos desenvolvidos por diferentes investigações conduzidas no âmbito do Grupo Barthes<sup>1</sup> com foco em estética, política e subjetividade. Elas procuram explorar a pesquisa em design

---

<sup>1</sup> O Grupo Barthes faz parte do Laboratório da Representação Sensível, da linha de pesquisa Design, Cultura e Artes do PPGDesign da PUC-Rio. Foi formado em 2003, a partir de um grupo de estudos sobre a obra de Roland Barthes. O grupo atualmente reúne alunos e pesquisadores de diferentes áreas ligadas às humanidades na PUC-Rio, e também da EBA/UFRJ, ESDI/UERJ, e Escuela de Arquitectura y Diseño da PUC de Valparaiso, Chile.

enquanto possibilidade de ação estético-política, isto é, crítica e contranormativa (COLETIVO 28 DE MAIO, 2017), e enquanto modo de abordagem de questões que concernem à subjetividade e aos processos de subjetivação. Processos de subjetivação são aqueles que Foucault coloca como o tema geral de suas pesquisas – “os diferentes modos através dos quais, em nossa cultura, os seres humanos se tornam sujeitos” (FERREIRA-NETO, 2017, p.10). Esses processos, na pesquisa foucaultiana, são sempre sociais, incidem sobre os corpos, e são pensados em seus tensionamentos enquanto práticas coercitivas de assujeitamento e práticas de si autonomizantes. Um desses processos é, para Foucault, a própria pesquisa (FERREIRA-NETO, 2017, p.7).

As pesquisas apresentadas aqui exploram territórios em que os pesquisadores estão presentes e envolvidos enquanto sujeitos: as relações entre arte e movimentos sociais; as práticas feministas; a biomedicalização da loucura e da angústia; as manifestações de corpos dissidentes das normas de gêneros e sexualidades. São territórios que se entrecruzam sob diversos aspectos mas que são abordados de diferentes maneiras, segundo a singularidade de cada pesquisador e de seus modos de inserção ali. Assim, essas pesquisas não partem de uma metodologia comum previamente estabelecida, mas compartilham algumas orientações e práticas.

Em primeiro lugar, são pesquisas que constroem um objeto-corpus, ou um corpus trabalhado como objeto. Esses objetos podem ser, por exemplo, um mapeamento de “constelações insurgentes” construídas a partir de relações traçadas entre design, arte, política e movimentos sociais; ou ainda as oficinas de sensibilização estético-política que remetem às práticas do “consciousness-raising” dos movimentos feministas e de direitos civis norte-americanos da segunda metade do século XX; um “livro-crisálida” de experimentações desenvolvidas em torno do afeto da angústia; um arquivo-curadoria “tropicuir” de manifestações de corpos dissidentes e transviados. Enfim, são objetos poéticos, conceituais e/ou processuais, que instrumentalizam teorizações e práticas projetuais do campo do design. Esses objetos-corpus funcionam, nos exemplos oferecidos aqui, como pequenos dispositivos de problematização das relações entre arte e política nos movimentos sociais, das práticas feministas de subjetivação, da função vital da angústia em uma sociedade que opera sempre no sentido de domesticá-la, e dos modos de visibilidade/invisibilidade que mobilizam os corpos dissidentes em relação à heteronormatividade vigente.

Em segundo lugar, são pesquisas que têm em comum um certo solo referencial: a analítica foucaultiana do poder e dos processos de subjetivação; a analítica da normatividade dos estudos feministas e queer; a psicanálise; a reflexão estética

de Jacques Rancière; a contrametodologia poética de Roland Barthes. O Design é abordado aqui enquanto processo social de configuração de bens e de valores, na trilha das análises críticas de Adrian Forty e de Iraldo Matias (FORTY, 2007; MATIAS, 2014).

A terceira estratégia comum a todas essas pesquisas é partirem do campo da pesquisa em design para produzir pequenas formas de intervenção e/ou de diagnóstico do presente, através de seus objetos e dispositivos.

## PESQUISA-CORPO PERECÍVEL<sup>2</sup>

A tese de doutorado intitulada *Ativismo poético: insurgências constelares no Brasil das duas primeiras décadas do século XXI* interroga algumas das relações entre design, arte, política e movimentos sociais, partindo de uma *constelação* (BENJAMIN, 2010) composta por trabalhos e exposições. Consideramos pertinente delinear o escopo geral da pesquisa, pois ele incidiu diretamente sobre os procedimentos metodológicos e determinou a estrutura da tese. Cada capítulo coloca em cena um elemento dessa *constelação insurgente*, a partir da qual fazemos emergir questões específicas, sem a pretensão de esgotá-las. Assim, dialogamos com a *metodologia da cena* de Jacques Rancière (2013) e os *traços* de Roland Barthes (1981), pensamentos marcadamente fragmentários. Essa escolha aponta para uma recusa a pensar o método como uma espécie de camisa de força *prêt-à-porter*, que se aplicaria a um objeto dado. Seguindo os preceitos da *deriva barthesiana*, destacados por Charles Coustille (2016), compreendemos a própria construção do objeto como parte da pesquisa.

Nossa *constelação insurgente*, sempre compreendida em suas relações com a sociedade, permite que tracemos uma espécie de diagnóstico do presente (ARTIÈRES, 2004) transversal. Contudo, o pensamento sobre o presente nos coloca instantaneamente diante de um problema metodológico: como capturar os múltiplos vetores de história que gravitam ao nosso redor? Essa questão não se coloca apenas pela falta de distância temporal, mas se deve especialmente à compreensão de que o presente não constitui uma massa coesa e uniforme. Uma vez compreendido como uma infinidade heterogênea de feixes que não cessam de nos atravessar, entrevemos uma via de acesso composicional (LATOUR, 2010) ao presente. Se qualquer ímpeto de capturá-lo em sua completude seria fadado ao fracasso, nossa abordagem está investida de fragmentação e dispersão. Assim, não almejamos fornecer uma narrativa definitiva sobre algumas das questões que

---

<sup>2</sup> Pedro Caetano Eboli.

embebem o design, a arte e a política do nosso presente, mas nos restringimos a apontar direções, vetores, fluxos e devires, indicando constâncias e inconstâncias que podem emergir.

A escolha dos elementos que compõem nossa constelação insurgente, bem como as questões que deles emergem, surge do modo como atravessaram e afetaram estes corpos que aqui escrevem. Assim, compõem uma história perecível como nossos próprios corpos, costurada a partir de alguns pontos de ancoragem sempre substituíveis, intercambiáveis e provisórios, mas significativos. De modo similar às práticas metodológicas apontadas por Suely Rolnik (1993), trata-se de um pensamento que se faz especialmente através de encontros, “por um misto de acaso, necessidade e improvisação” (ROLNIK, 1993, p.224). No âmbito desta pesquisa, os encontros com certos *feixes de presente* produzem aquilo que Rolnik chama de *marcas*, os “estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outros” (idem). Procuramos exercitar a capacidade de nos deixarmos violentar por essas *marcas*, que colocam os pesquisadores em *situação de escritura* (BARTHES, 2016). Elas nos situam enquanto sujeitos partícipes e superfície de inscrição da história, que o processo de pesquisa não cessa de modificar.

Se compreendemos a precariedade como uma potência para manter o presente sob tensão, evitamos que o caráter fragmentário da tese pudesse resultar em um sentido de fechamento. Jacques Rancière compreende uma potência precária na política: “a razão política, a razão dissensual tal como procuro defini-la, tem a especificidade de estar sempre à beira de seu desaparecimento” (RANCIÈRE, 1996b, p.381). Qualquer ideia de sentido, a ser atribuído a *posteriori*, fornece um diagnóstico do presente sempre incompleto e parcial, construindo uma temporalidade irresoluta em *dissenso*. Aqui, o termo não deve ser entendido como o confronto entre versões ou narrativas, mas como “uma invenção que faz com que se vejam dois mundos num só” (idem, p.375). Mas a precariedade tangencia os princípios de uma *história acontecimental*, em que sucessões de fatos dão lugar a singularidades e contingências (FOUCAULT, 2003; RANCIÈRE, 2014).

Se por um lado essa abordagem aponta para uma possibilidade política de pensar o presente, aqui compreendida nas formas inacabadas de um tempo *dissensual*, por outro ela materializa nossa própria compreensão do modo como a política opera de modo constelar. Concebemos que as sublevações não irradiam desde um centro, mas seriam como multidões de *vaga-lumes*, figura imaginada por Georges Didi-Huberman (2011). Embora fraco e intermitente, o brilho desses animais forma enxames insurrecionais que se deslocam ao sabor do vento. Trata-se, portanto, de

uma metodologia engajada na tarefa ativa de compor e tramar redes com alguns dos feixes luminosos de presente que produziram *marcas* nos pesquisadores.

Assim, a estratégia metodológica empregada acaba tangenciando certos modos de inteligibilidade comuns aos procedimentos de curadoria ou de montagem em arte. Apesar da individualidade e relativa independência de cada elemento da *constelação*, os sentidos e interpretações atribuídos a uns acabam incidindo sobre os outros. Aqui, a reunião de uma série de acontecimentos aparentemente desconexos torna possível agenciar múltiplas possibilidades de sentido e criar um campo de vibração dissensual, aberto a uma profusão de devires.

### PESQUISA-CORPO TRIVIALIS<sup>3</sup>

Após a conclusão da dissertação *Descolando Gênero e Sexualidade: uma investigação sobre processos feministas de subjetivação e o fenômeno do Consciousness-Raising*<sup>4</sup>, muito tenho refletido sobre a metodologia usada na pesquisa e o objeto-dissertação obtido como resultado e parte integrante desse processo. Para Barthes (2007), “escrever é um modo do Eros” (p.21), e acredito que foi justamente no exercício da escrita que pude identificar o papel e a presença do meu corpo e desejo (fantasia) na orientação da pesquisa.

Desde o início me coloquei intencionalmente em uma deriva barthesiana, por acreditar na potência do não método. De acordo com Barthes (2003), o não método se alia à cultura (um processo violento de formação do pensamento sob forças seletivas, um titubeamento entre marcos de saberes que tem vontade de potência). A cultura é paradoxalmente oposta à ideia de poder – e consequentemente, da ideia de método. O método é um caminho de linha reta que define onde o pesquisador não deve ir, afastando-o de certos lugares, fetichizando o objetivo da pesquisa como o ponto final, movido pela vontade de poder. Para o autor, o exercício da cultura é a escuta das forças (cuja primeira é a do desejo) – ou, como

---

<sup>3</sup> Eva Célem.

<sup>4</sup> A dissertação buscou empreender uma genealogia e análise crítica de processos feministas de subjetivação. Para tanto, parti de uma experiência que compõe minha trajetória acadêmica-pessoal e o estudo de caso dos grupos de Consciousness-Raising (C-R), um fenômeno popular do feminismo americano dos anos 1970. Baseada em vasto levantamento documental, relatos e literatura da época, a pesquisa pretendeu compreender o funcionamento da dinâmica dos grupos de C-R e pensar criticamente, a partir de autores pós-estruturalistas, pós-colonialistas e da teoria queer, nas diversas implicações políticas e subjetivas dessas práticas. Com foco nas relações entre C-R e a questão da diferença, investiguei o surgimento e materialização da política identitária nos movimentos feminista e LGBTQ+ e analisei o papel da cultura material na construção e consolidação de valores normativos dentro e fora desses movimentos.

Barthes complementa –, *a escuta das diferenças*. O autor propõe um protocolo da colheita, onde o que é descoberto é revelado aos poucos, ao seguirmos um caminho excêntrico aberto a diversas possibilidades. O não método se constitui através da jornada, onde a digressão (ou o “borboletear”) é garantida. Adotar essa postura de “borboletear” faz muito em uma pesquisa que possui uma perspectiva queer, considerando sua posição de estranheza, de desconforto, de “não lugar”. Foi no “borboletear” que construí a dissertação.

Ao me colocar à deriva, a coerência disciplinar não esteve em meu horizonte. Ainda hoje me perco na encruzilhada na qual meu trabalho se encontra – em algum lugar entre o design, os estudos de gênero e sexualidade, pesquisa de arquivo, literatura comparada...? A escolha por permanecer nesse não lugar é consciente, e apesar de não ter adotado um caminho direto para chegar aqui, não significa que eu não saiba quais foram os trajetos pelos quais borboleteei. Meu corpo está presente por toda a dissertação, e, portanto, posso mapear alguns de seus percursos.

Em 2016, durante o desenvolvimento do meu projeto final de graduação em design, meu corpo tinha uma centralidade mais evidente na pesquisa. Na época, me questionava sobre a minha própria vivência – e as de muitas pessoas próximas – enquanto mulher, ou melhor, enquanto alguém que desde o nascimento precisa desenvolver e habitar um corpo de mulher. Afinal, o que sabe uma mulher de seu corpo? Quais são os saberes e poderes que o tomam por objeto? Como se produz uma mulher? Muitos desses questionamentos partiram da minha vivência pessoal com movimentos políticos identitários (no caso, feminismo e movimento LGBTQ+) e os conflitos que emergiam em mim e à minha volta a partir dessas experiências.

Essas perguntas me orientaram para o desenvolvimento de uma atividade em grupo com outras mulheres de realidades muito diferentes da minha, onde tentei me inserir de maneira não hierárquica, querendo aprender mais que ensinar. O design desempenhava um papel importante na articulação das reuniões, já que eu também experimentava com a possibilidade instrumentalizar o design de modo a subverter seu papel normalizador.

Viver essa experiência prática enquanto me expunha à teoria crítica foi muito rico, pois me possibilitou formar diversas conexões inesperadas ao refletir sobre o trato do diferente e as tendências de assimilação e normalização presentes nos movimentos políticos contemporâneos previamente citados. Pode-se dizer que a teoria remodelou minha prática, e minha prática mediou minha relação com a teoria.

A oficina (uma experiência concomitantemente pessoal, política e “de design”) propiciou uma análise crítica comparada com uma experiência similar

(em termos de objetivos) que aconteceu em outro país quase 50 anos antes.<sup>5</sup> O que a minha prática tem a ver com essa outra prática, que parece tão distante? O que posso aprender com o que já foi feito, entendendo que as minhas experiências no movimento feminista partem de uma herança cujos contornos não são tão evidentes em um primeiro momento?

No processo de fazer uma genealogia dessas práticas feministas de subjetivação acabei descobrindo relações estreitas entre a prática do Consciousness-Raising e as questões que já me moviam inicialmente. Para viver essa fantasia, deixei meu corpo ir a lugares diametralmente opostos e escutar as mais variadas vozes – incluindo aquelas anotadas na margem de um bloco de notas esquecido por 45 anos. Iniciei a pesquisa em uma escola pública no Rio de Janeiro, a aprofundei acessando documentos de arquivos nos EUA em uma instituição privada, para concluí-la em uma solidão inicialmente autoimposta, mas acentuada pela pandemia. Ambientes muito diferentes, mas que foram fundamentais – de maneiras diferentes – na construção do corpo da pesquisa. Um corpo *trivialis*.<sup>6</sup>

## PESQUISA-CORPO QUE SE LANÇA NO VAZIO<sup>7</sup>

A dissertação que leva o título *O furo no design, a prática estética para nada* foi desenvolvida a partir de experimentações artísticas iniciadas pela pesquisadora em um projeto de graduação denominado *irrepresentáveis*. Tal projeto buscava representar a angústia, afeto tido como algo incapturável, sem forma e fugidio. A partir dessa primeira tentativa de representar a angústia, elaborou-se o problema da pesquisa na impossibilidade de tal ação. A experiência artística visual mostrou-se uma busca infinda atrás de um objeto ausente, um buraco, um vazio. Apesar da expressão artística permitir trabalhar a partir das fendas, da falta e explorar essa lacuna, as imagens criadas para “representar” a angústia sempre caíam em um lugar da falha e do fracasso, demonstrando assim que a representação falta com esse objeto.

Para contornar o problema da inalcançável representação, as imagens criadas ao longo do projeto foram descartadas através de modos intuitivos e estéticos. Modos esses que expressavam uma certa ânsia e frustração do próprio processo de pesquisa, modos destrutivos que culminaram em afogamentos, rasgamentos,

<sup>5</sup> Me refiro aqui ao Consciousness-Raising.

<sup>6</sup> “*trivialis* é o atributo etimológico da prostituta que espera na intersecção de três caminhos” (BARTHES, 1977. p.25).

<sup>7</sup> Maria Ramiro.

amassamentos, esmaecimento e até a queima do material. Tais destruições foram registradas e geraram um novo material, que se distanciava cada vez mais do que fora inicialmente. As imagens perdiam sua nitidez e começavam a virar pilhas de papéis destruídos e sem um significado aparente.

Por todos os resultados serem descartados, criou-se um movimento de pesquisa e de elaboração dos conceitos estudados onde nunca se chegava a um lugar suficientemente explícito e explicativo sobre o conhecimento gerado. Assim, eu e minha orientadora, Denise Portinari, nominamos essa forma de pesquisar como metodologia da negatividade, um método que descarta o que é afirmativo, se agarra na incerteza, se posiciona em um não lugar e não pretende criar uma verdade, tampouco delimitar um objeto.

Portanto, a pesquisa seguiu por dois caminhos metodológicos; um através da prática artística utilizando a metodologia que descarta reiteradamente cada passo dado, já que tal prática está disposta em uma busca incessante atrás do objeto perdido e sempre resulta na falta. Esse jogo de descarte possibilita furar as soluções imagéticas, porém não é o suficiente para abordar o tema da irrepresentabilidade da angústia. Assim sendo, fora necessário acoplar outra metodologia que abarcasse a pesquisa bibliográfica. Contudo, os métodos tradicionais não permitiriam que fosse construída a minha pesquisa tal como ela é hoje, pois a angústia e/ou essa coisa que escapa, demanda de nós lidarmos com coisas além do nosso alcance

Ao longo da pesquisa, indaguei a relevância em desenvolver este trabalho dentro da área de design, durante o contexto que estamos vivendo. Por se tratar de uma área da ciência relativamente nova, onde as pesquisas giram em torno de uma manutenção da produção de bens de consumo, pensar na contramão da produtividade é um caminho insatisfatório e desajustado. Portanto, considero que a importância desta pesquisa para o campo de atuação, é, em suma, trazer uma crítica para a prática do design, apontando furos e mostrando outros caminhos possíveis de se lidar com buracos. Não há uma fórmula, ou um resultado possível de ser replicado, há uma outra forma de pensar e ver o mundo, essa que apreendi a partir do espectro em torno da angústia.

Tratando-se da parte teórica, a dissertação perambulou por áreas distintas, juntando arte, psicanálise, design, tratamentos psiquiátricos, filosofia e relatos testemunhais. Esse caminho foi possível de ser construído através da metodologia das encruzilhadas: “A encruzilhada desconforta; esse é o seu fascínio” (SIMAS e RUFINO, 2018, p.24). Ao desenvolver a “pedagogia das encruzilhadas”, Simas e Rufino (2018) estão apontando para uma outra forma de enxergar o mundo, forma esta que está relacionada à ancestralidade dos autores e que foi excluída da lógica



normativa. Lógica baseada na razão, no enquadramento de conceitos e na legitimação dos saberes por instituições, que ainda perpetuam as formas dominantes da nossa sociedade. Em uma das exposições do trabalho dexisti, realizada em 2019, fui interpelada por uns dos artistas/ouvintes que me apontou a relação entre Exu e o vazio. Exu é o mensageiro e habita entre dois mundos, habita entre-mundos, habita o vazio. Porém a noção de vazio nas religiões de matrizes africanas tem presença, é um vazio que tem algo, é um vazio que pode ser habitado.

Após percorrer um caminho tortuoso, um percurso com tensões e torções em torno da angústia, pode-se concluir que as questões levantadas auxiliaram na visão crítica do design. Pensar tal prática a partir do furo permite acolher o vazio necessário a todo ato criativo. Além disso, é necessário compreender o design como uma ferramenta que consolida e materializa valores sociais, portanto a potência transformadora da área se concentra na capacidade de dar forma às coisas. Por isso, reitero a importância de deixar um espaço de respiro, um espaço para o buraco, um espaço para se locomover, pois o pensamento de tapar furos incessantemente com bens de consumo mantém uma sociedade de consumo imediato, que não sabe lidar com suas angústias, que não consegue atravessar e elaborar suas dores. Tapar os furos nos adoece, já que velar o buraco não o faz desaparecer, torna-o ainda mais estranho, torna-o um borrão mais turvo e faz com que o sujeito se sufoque.

De certa forma, toda pesquisa se lança no vazio, no lugar do desconhecido, onde ainda há para se descobrir, é no espaço inabitado que vive a potência de se ampliar o saber. De certa forma, toda pesquisa se lança no “deserto do saber” (ANTELO, 2011). Em uma conferência, Raul Antelo (2011) expressou sua visão sobre o percurso da pesquisa acadêmica apontando-o como “um desejo de vazio”, o percurso impulsionado pelo desejo de saber é alimentado por um não saber. Partindo do pressuposto de que toda pesquisa avança no sentido do que não é sabido, do que ainda há para se (re)descobrir, então a pesquisa se lança na direção do vazio. Em outras palavras, aquilo que é desconhecido, o lugar não habitado é a direção defendida pelo percurso e temática desta pesquisa. Como posto por Raul Antelo (2011), a pesquisa caminha em um deserto do saber. Portanto, o (re)lançamento no vazio não seria um caminho possível para as práticas criativas? E a reiteração do desconhecido seria possivelmente uma prática artística e epistemológica?

Espero que por meio dessa pesquisa, possamos nos atentar às “potentes irrelevâncias” (SIMAS, 2018, p.23). Dar espaço às falhas, compreender a importância de acolher os espaços vazios, pois é a partir da lacuna que podemos nos movimentar, é por onde temos a verdadeira capacidade de reordenação do mundo em que vivemos. Em suma, a pesquisa aqui desenvolvida, expõe uma outra forma

de elaborar uma questão complexa, uma forma de operar pelas bordas, já que não é possível atacar a angústia de frente. O processo artístico amparou, de certa forma, o desamparo presente ao se pesquisar esse afeto. Ademais, os trabalhos autorais desenvolvidos ao longo desse percurso, foram criados dentro de um espaço vazio, um lugar de dor, de perdas e faltas. E posso afirmar, que elaborar minhas dores no processo artístico me fez atravessar o buraco de forma que tornou possível expô-las, posteriormente. Falar da angústia, conviver com ela é sufocante, e por isso é relevante abordá-la. A metodologia apresentada se mostra como um caminho viável para tratar de um objeto ausente, um meio de contorná-lo. Assim, concluo que é necessário entendermos a função estrutural desse buraco, pois é nesse espaço de respiro onde é possível criar: a vida é a crisálida do nada.

## PESQUISA-CORPO-ATIVISTA-BICHA<sup>8</sup>

Em minha pesquisa de doutorado intitulada *Tropicuir: estético-políticas transviadas - memória, arquivo, design* procurei refletir sobre cruzamentos entre os campos da arte e design, ativismo político e a academia a partir de diversas experiências de campo no Rio de Janeiro na segunda metade dos anos 2010. Busquei mostrar como experiências de curadoria de arte coletiva e a reunião de corpos dissidentes se interconectam e podem conformar redes de resistências contra normativas de sexualidade e gênero a partir de práticas estéticas.

Tendo em conta a problemática do silenciamento e apagamento continuado de corpos transviados,<sup>9</sup> com respeito às liberdades e à salvaguarda de suas experiências e testemunhos, emergiu também a necessidade de abarcar criticamente sistemas de memória social e o design para construção de arquivos de memórias autorrepresentadas do que experimentamos ao longo da pesquisa. Diversos suportes foram utilizados: mostras de arte, publicações, a própria tese feita arquivo e a plataforma [tropicuir.org](http://tropicuir.org), que intersecciona arte e design como meio e mensagem para narração de histórias e resistências LGBTIA+/queer.

---

<sup>8</sup> Guilherme Altmayer.

<sup>9</sup> O termo “transviado” frequentemente mencionado neste projeto é usado por Berenice Bento (2015) para designar estudos/ativismos transviados, e que se aproxima do significado do termo “queer”, uma tradução considerada pertinente pela autora para pensar em um termo “guarda-chuva” para ações sexo dissidentes de bichas, sapatões, trans, travestis. No dicionário, o termo transviado tem o seguinte significado: s.m.; aquele que se transviou; quem se afastou dos bons costumes. adj. Desencaminhado; que se perdeu do caminho; que se transviou; que está perdido. Que se opõe aos padrões comportamentais preestabelecidos ou vigentes. Figurado. Vagabundo; que vive a vagar sem rumo certo.

Uma empreitada ambiciosa que, como mostrarei, se deu através de uma metodologia de pesquisa-ativista (HALE, 2001) na qual o pesquisador se vê mergulhado e indissociável do contexto de transformação social da sua investigação, para em primeira pessoa evidenciar seu lugar de enunciação e coletivizar processos, movimento que se mostrou absolutamente necessário para trabalhar na diferença e deixar de falar sobre, para falar com.

Curadoria, do latim *curator*, quer dizer aquele que tem cuidado, apreço. Curadoria é também uma prática que estabelece hierarquias de poder na organização de ideias e conceitos, que incidem diretamente em regimes de visibilidade, e, portanto, é carregada de responsabilidades éticas e políticas. Tendo consciência dessas relações de poder que se estabelecem, em tropicuir optamos por praticar curadoria como agenciamentos.

Agenciamento (SOUZA, 2012), à luz da concepção deleuziana, é pensar um processo de criação artística, acadêmica em que múltiplos agentes – humanos, não humanos – entram em ação. Ação na qual o corpo do pesquisador, esta bicha que vos fala, está totalmente implicado na tarefa e conectado a outros corpos, a ponto de não mais se reconhecer como um ente isolado.

Agenciar não é fazer pelo outro, mas com o outro. É o que Félix Guattari (GUATTARI, 1981) denomina de agenciamentos coletivos de enunciação que implica primeiro em uma condição ética de manutenção das diferenças. E segundo, os agenciamentos maquínicos de desejo, que não propõem a reprodução, mas sim a criação de subjetividades e os meios nos quais elas passam a existir (SOUZA, 2012).

Assim, em tropicuir praticamos curadoria como agenciamento, em atos que comportam tanto o indivíduo que escreve (cura) quanto a língua (corpos performativos, obras de artes, ativismos) que se comunicam para inscrever as próprias narrativas. O que se cria, nesse agenciamento maquínico, longe de uma produção de bens, é um estado de mistura de corpos, de colocar um em relação ao outro, abarcando tretas e alianças, atrações e repulsões, apropriações e compartilhamentos (DELEUZE & GUATTARI, 2007).

Uma pesquisa-ativista se configura ao rejeitar o caminho da imparcialidade e neutralidade do pesquisador, o que implica em uma ampliação das responsabilidades éticas do próprio lugar de enunciação, sempre em relação aos outros corpos com quem troca, experimenta, sensualiza. Toda pesquisa é uma tomada de posição. Pensar a pesquisa ativista é reconhecer essa tomada de posição como lugar político de atuação dessa bicha em relação a outros corpos e como esse lugar

molda nossa compreensão dos problemas abordados e se coloca, assim, a serviço de nossos esforços analíticos (HALE, 2001).

Pesquisa ativista conecta-se com a ideia de pesquisa-ação (mais tarde pensada como pesquisa militante), concebida pelo sociólogo colombiano Orlando Fals Borda (1978): uma proposta de pensar práticas de pesquisa comprometidas com processos sociais. Ademais, segundo Borda (1978), tem-se a demanda que o pesquisador esteja involucrado no processo social e se identifique com os grupos com quem agencia.

Grupos que, portanto, deixam de ser objetos de pesquisa para se transformarem em sujeitos da pesquisa (BORDA, 1978). E mais, uma práxis em que o investigador pode ser, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de sua própria investigação, experimentando os efeitos do próprio trabalho de investigação e de cura(dor). Para Borda (1978), os efeitos e reverberações do trabalho só poderão ser validados mediante critérios de ação concreta, que abarque uma dimensão teórico-prática – *práxis*.

*Práxis* é pensada aqui a partir da filosofia de Karl Marx, que defende a inclusão da teoria nas práticas e vice-versa. Isto é, uma atividade teórico-prática em que a teoria se modifica constantemente com a experiência prática, que, por sua vez, se modifica constantemente com a teoria. O que está em jogo é um movimento dialético entre as ações do humano no mundo e a formação de suas ideias.

As práticas acadêmica-ativista-artísticas ativadas durante a pesquisa tropicuir foram traçadas por um percurso desejoso desta bicha de se enredar afetiva e politicamente com outras existências sapa, travesti, mana, bicha e estabelecer trocas que suscitaram reflexões teóricas e deram suporte ético para revisões críticas continuadas e questionamento das próprias práticas como pesquisador. E mais, quero acreditar que permitiram aproximar a academia como suporte para práticas ativistas em realidades historicamente dela tão distantes.

## CONCLUSÃO

As amostras dos percursos de pesquisa desenvolvidas no âmbito do Grupo Barthes e apresentadas aqui apontam para uma direção comum no sentido de ampliar o escopo da pesquisa em design, explorando as suas possibilidades de ação contranormativa. Empreender essa direção de pesquisa a partir do campo do design é uma aventura desafiadora. Há que se haver, antes de mais nada, com o fato de que o design ainda é muito mais um conjunto de práticas projetuais, e que faz dessas práticas o seu objeto privilegiado de investigação, do que um instrumento de análise do campo sociocultural mais amplo em que essas práticas

se inserem – muito embora exista toda uma tendência crescente da pesquisa em design a voltar-se para os efeitos ampliados do processo projetual.

Além disso, há o fato de que a inserção histórica do design nesse campo, enquanto agente mediador entre os modos de produção e de consumo de bens e de serviços, faz com que ele seja, também, um agente privilegiado da reprodução de valores normativos. Como aponta Adrian Forty, o design é um poderoso materializador de ideias, valores e de mitos cuja função é conciliar (ou solucionar, como reza a definição do design como “solucionador de problemas”) os conflitos que tensionam as relações sociais (FORTY, 2007). Trata-se portanto de um trabalho em duas frentes: problematizar o design em sua tendência propositiva e normatizadora; instrumentalizar o design como ponto de partida possível para a ação estético-política (COLETIVO 28 DE MAIO, 2017), e para a potencialização de outras formas de existência (PORTINARI, 2017).

## AGRADECIMENTOS

Os pesquisadores gostariam de agradecer o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – código de financiamento 001, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e da PUC-Rio para a realização desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTELO, Raul. A pesquisa como desejo de vazio. *In: Anais do I Seminário dos alunos da pós-graduação em literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Conferência de abertura. Florianópolis, SC, 2011. p. 08-39.*

ARTIÈRES, Phillipe. Dizer a atualidade: o trabalho diagnóstico em Michel Foucault. *In: GROS, Frédéric (org.). Foucault: a coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.*

BARTHES, Roland. **Aula Inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França** pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BARTHES, Roland. **Como viver junto**. Simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BARTHES, Roland. **O império dos signos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. São Paulo: Autêntica, 2010.

BENTO, Berenice. **Queer** o quê? Ativismo e estudos transviados. Revista Cult, ed. 193, Agosto 2014. Entrevista. Disponível em:

<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/10/queer-o-que-ativismo-e-estudos-transviados/>. Acesso em: 11 out. 2020.

COLETIVO 28 DE MAIO. O que é uma ação estético política? (um contra manifesto). **Vazantes** vol.1, n.1, 2017.

COUSTILLE, Charles. O que seria uma tese barthesiana? *In: Revista Polis e Psique*, v.1, n.7, p.247-259, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs, vol. II**. São Paulo: Editora 34, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FALS BORDA, Orlando. **Por la práxis**: el problema de cómo investigar la realidad para transformarla. Bogotá: Federación para el Análisis de la Realidad Colombiana (FUNDARCO), 1978.

FERREIRA-NETO. A Analítica da Subjetivação em Michel Foucault. Em **Rev. Polis e Psique**. Ed. UFRGS, Vol.3, No.7, 2017, p.7-25.

FORTY, Adrian. **Objetos de Desejo** – Design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOUCAULT, Michel. Mesa-redonda em 20 de maio de 1978. *In: FOUCAULT, Michel. Ditos e Escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FONSECA, Tania; NASCIMENTO, Maria; MARASCHIN, Cleci (orgs.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular**: Pulsões Políticas do Desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALE, Charles R. **What is activist research?** Social Science Research Council, New York, p.13-15, 2001.

LATOUR, Bruno. An attempt at a Compositional Manifesto. *In: New Literary History*, v.1, n.41, p.471-490, 2010.

MATIAS, Iraldo. **Projeto e Revolução:** do fetichismo à gestão, uma crítica à teoria do design. Florianópolis, Editoria em Debate/UFSC, 2014.

PORTINARI, Denise. **Queerizar o Design.** Em ARCOS DESIGN, Rio de Janeiro, Edição especial Seminário Design.Com, Outubro 2017, p.1-19.

RANCIÈRE, Jacques. O dissenso. *In: NOVAES, Adauto (org.). A crise da razão.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. *Aisthesis: Scenes from the Aesthetic Regime of Art.* Nova Iorque: Verso, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **Nas margens do político.** Lisboa: KKYM, 2014.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *In: Cadernos de Subjetividade*, v.1, n.2, p.241-251, 1993.

SIMAS, Luiz Antonio, RUFINO, Luiz. **Fogo no Mato** – a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Denise Berruezo Portinari** é Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica (1998), Professora Adjunta do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, líder do Grupo Barthes de pesquisas sobre corpos e subjetividades. [denisep@puc-rio.br](mailto:denisep@puc-rio.br)

**Eva Célem** é Mestre em Design pela PUC-Rio (2020) com bolsa CNPq, foi pesquisadora visitante no *Pembroke Center for Teaching and Research on Women*, da Brown University (2019). Graduada em Desenho Industrial com ênfase em Comunicação Visual pela PUC-Rio (2016), com intercâmbio na University of Derby (2013). É membro do grupo Barthes desde 2014, onde desenvolve pesquisas sobre práticas feministas de subjetivação e o papel do design na construção do discurso e subversão das normas de corpo, gênero e sexualidade. [eva.celem@gmail.com](mailto:eva.celem@gmail.com)

**Guilherme Altmayer** é ativista, pesquisador e professor adjunto da Escola Superior de Desenho Industrial UERJ. Doutor (2020) e mestre (2016) em design pela PUC- Rio e membro da *Red Conceptualismos del Sur*. Desenvolve a pesquisa [tropicuir.org](http://tropicuir.org) sobre memória e arquivo sexo e gênero dissidentes no Brasil. Colaborou

com o catálogo Antologias da exposição Histórias da Sexualidade no MASP e com a obra Forma da Liberdade na 32a. Bienal de São Paulo. [galtmayer@esdi.uerj.br](mailto:galtmayer@esdi.uerj.br)

**Maria Ramiro** é Mestre em Design da PUC-Rio (2020). Sua prática artística e investigação teórica analisa o percurso estético em torno do vazio e, portanto, questiona os limites da representação e as fronteiras entre artes, design, psicanálise e filosofia. [mariaramiro.art@gmail.com](mailto:mariaramiro.art@gmail.com)

**Pedro Caetano Eboli** é mestre em Design pela PUC-Rio (2017), onde atualmente cursa o Doutorado, financiado com bolsas da CAPES e FAPERJ Nota 10. Possui graduação em Desenho Industrial pela UFRJ (2014), com estágio no Politecnico di Torino (Itália) e formação teórico-prática na EAV – Parque Lage. Suas investigações interrogam algumas relações entre arte, design e política no Brasil contemporâneo, com foco em coletivos. [pceboli@gmail.com](mailto:pceboli@gmail.com)